

Raquel Sousa da Silva  
Jhennefer Alves Macêdo  
Daniela Maria Segabinazi

## A LITERATURA JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL II: AVANÇOS E RECUOS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

### RESUMO

A elaboração da BNCC surgiu como proposta prevista na Constituição Federal de 1988, visando a melhoria e a universalização do modelo educacional brasileiro. No ano de 2015, houve a divulgação inicial desse documento, com o objetivo de incorporar sugestões e críticas da sociedade civil e profissionais da educação. É nesse contexto de propostas à BNCC que levantamos reflexões sobre o que nela está disposto, em particular, sobre as concepções de literatura nos anos finais do ensino fundamental, bem como a falta de clareza nessas orientações, que oportunizam confusões conceituais e procedimentais em sua aplicação. As questões levantadas estarão alicerçadas nas atuais discussões que sugerem práticas didático-metodológicas voltadas ao público escolar em processo de formação literária no século XXI. Reconhecemos a importância da BNCC na educação básica, porém, com a ressalva da necessidade de revisão de algumas práticas esboçadas no campo de atuação denominado *práticas artísticas literárias*. Para dar suporte às nossas inquietações quanto ao modo pelo qual a literatura é compreendida nesse documento, recorremos a alguns teóricos como Zilberman (1988; 1993); Dalvi et al (2013); Cosson (2014); Lajolo e Zilberman (1996) e Colomer (2007).

**Palavras-chave:** BNCC; Ensino de literatura; Literatura juvenil.

## THE JUVENILE LITERATURE IN ELEMENTARY SCHOOL II: ADVANCES AND SETBACKS IN COMMON NATIONAL BASE CURRICULUM

### ABSTRACT

The development of Common National Base Curriculum (CNBC) emerged as a proposal expected in the Federal Constitution of 1988, aiming at the improvement and universalization of the Brazilian educational model. In 2015, there was the initial release of this document in order to incorporate suggestions and criticisms of civil society and educational professionals. In this context of proposals to CNBC, we raised reflections on its content, and, in particular, on the conceptions of literature in the final years of elementary school, and the lack of clarity in these guidelines which nurture conceptual and procedural confusion in its application. The issues raised in this article will be grounded in current discussions which suggest didactic-methodological practices aimed at public school in literary education process in the 21<sup>st</sup> century. We recognize the importance of CNBC in basic education. However, we understand that it is necessary to review some practices outlined in the field called *literary artistic practices*. To support our concerns about the way in which literature is understood in this document, we are based on some authors, such as Zilberman (1988; 1993); Dalvi et al (2013); Cosson (2014); Lajolo and Zilberman (1996), Colomer (2007).

## LITERATURA JUVENIL EN LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL II: AVANCES Y RETROCESOS EN LA BASE NACIONAL COMÚN CURRICULAR

### RESUMEN

El desarrollo de la propuesta BNCC surgió como previsto en la Constitución de 1988, teniendo como objetivo la mejora y universalización del modelo educativo brasileño. En 2015, se produjo el lanzamiento inicial de este documento con el fin de incorporar sugerencias y críticas de la sociedad civil y profesionales de la educación. Es en este contexto de las propuestas a la BNCC que hemos planteado reflexiones sobre qué está dispuesto, en particular, en relación a las concepciones de literatura en los últimos años de la enseñanza fundamental. Además, la falta de objetividad en estas directrices han alimentado la confusión conceptual y procedimental en su aplicación. Las cuestiones planteadas se basan en las discusiones actuales que sugieren prácticas didáctico-metodológicas dirigidas a la escuela pública en proceso de la educación literaria en pleno siglo XXI. Reconocemos la importancia de la BNCC en la educación básica, sin embargo, con la necesidad de revisar la calificación de algunas prácticas descritas en el campo de prácticas artísticas literarias. Para apoyar nuestras preocupaciones acerca de la manera en que la literatura se entiende en este documento, usamos algunos teóricos como Zilberman (1988; 1993); Dalvi et al (2013); Cosson (2014); Lajolo y Zilberman (1996), Colomer (2007).

**Palabras-clave:** BNCC; Enseñanza de la literatura; Literatura juvenil.

## LA LITTÉRATURE JUVÉNILE DANS L'ENSEIGNEMENT FONDAMENTAL II : AVANCES ET RECULS DANS LA BASE NATIONALE CURRICULAIRE COMMUN

### RÉSUMÉ

L'élaboration de la BNCC a apparue comme proposition prévue dans la Constitution Fédéral de 1988, en visant l'amélioration et l'universalisation du modèle éducationnel brésilien. Pendant l'année 2015, est arrivé la divulgation initiale de ce document, avec l'objectif d'incorporer suggestions et critiques de la société civil et professionnels de l'éducation. Dans ce contexte de propositions à BNCC, nous réfléchissons sur ses contenus, en particulier, sur les conceptions de littérature dans les années finals du enseignement fondamental et sur la manque de clarté dans ces orientations, qui produisent confusions conceptuelles et de procédure dans sa application. Les questions abordées seront basées dans les discussions actuelles qui suggèrent pratiques didactique-pédagogiques directionées au publique scolaire en processus de formation littéraire dans le siècle XXI. Nous reconnaissons l'importance de la BNCC dans éducation basique, cependant, avec la réserve de la nécessité de révision de quelques pratiques réalisées dans le champ de la performance nommé *pratiques artistiques littéraires*. Pour soutenir nos inquiétudes par rapport à la manière que la littérature est entendue dans ce document, nous recourons à quelques théoriques comme Zilberman (1988 ; 1993) ; Dalvi et al (2013) ; Cosson (2014) ; Lajolo et Zilberman (1996) et Colomer (2007).

**Mots-clès :** BNCC ; Enseignemet de Littérature ; Littérature Juvénile

## INTRODUÇÃO

Entre inúmeras discussões em documentos que apontam para práticas das mais diversas naturezas para a Educação Básica, oficializou-se, em 2015, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevista no Brasil desde a Constituição Federal de 1988. Com isso, objetivamos congregamos algumas questões do que está disposto na primeira versão desse documento, a qual foi disponibilizada a todo cidadão brasileiro para consulta e posterior revisão a partir das sugestões que se permitiu fazer.

Enfocaremos em nossos apontamentos as *práticas artístico-literárias* nos anos finais do ensino fundamental, a fim de identificar em que medida é dado um espaço para a literatura no ambiente escolar. Também analisaremos alguns objetivos dessas práticas, que de imediato direcionam algumas considerações que devem ser trazidas à tona para a melhoria do documento em questão. Para isso, enfocaremos as perspectivas para o ensino de literatura que estão amparadas em práticas metodológicas que se coadunam com um letramento literário que pressupõe para os alunos objetivos que não sejam de cunho positivista e/ou apenas gramatical, historicista, biográfico.

De início faremos um breve percurso de como se deu a implementação da BNCC na educação brasileira, bem como o andamento de sua oficialização. Podemos esclarecer, de antemão, que esse documento foi elaborado para facilitar e unificar o modo como vem sendo objetivado o ensino básico do país. Sua composição está distribuída em 60% de práticas que visam o âmbito nacional e o restante no que diz respeito às esferas locais, subdividas pelas regiões geográficas brasileiras.

Adiante, buscamos saber em quais espaços e lugares se encontra a literatura no ensino fundamental e qual importância é concedida a ela, além de apresentarmos breves questões de outra natureza, como a compreensão que os professores têm sobre literatura e como compreendem e abarcam suas funções na escola. Tais questões tornam-se pertinentes quando compreendemos que os mediadores de leitura têm clareza daquilo que entendem como objeto e objetivo, para que reflitam de maneira positiva suas práticas de ensino e conduzam a aprendizagem dos alunos eficazmente. Tudo isso para

que possamos melhor discutir o que condiz ou não com o que está além das teorias: a realidade da sala de aula. É fundamental que procuremos conhecer o que professores do ensino de literatura têm feito em sala de aula, para que possamos levantar críticas e questionamentos a respeito das propostas da BNCC, de modo a protagonizar a aprendizagem significativa dos alunos.

E, por fim, detalhamos muito do que está disposto nos anos finais do ensino fundamental, destacando pontos negativos e positivos para o ensino literário. Para isso, fazemos um contraponto do que a Base apresenta ainda como deficiência e daquilo que ela dispõe como novidade e melhoria para o ensino de literatura. Reconhecemos que as propostas trazidas nela são de extrema relevância e não devem ser entendidas como doutrinárias, já que sua maior intenção é amparar os interessados com o ensino de modo mais democrático e facilitador. Assim, é possível mais integração entre o que se espera e o que alcança, melhorando consideravelmente os impasses contidos nos documentos anteriores à BNCC.

A implementação desse documento objetiva, portanto, reduzir os inúmeros modelos diferenciados de práticas pedagógicas que norteiam o modelo educacional brasileiro, pressupondo mais experiências agregadas. Logo, é de total importância ressaltar que as sugestões e apontamentos apresentados ao longo de nossas discussões, visam prioritariamente, contribuir para uma revisão desse documento, o qual entendemos que seja um suporte necessário para nortear os professores que têm a responsabilidade de formar leitores competentes.

## 1. SITUANDO A IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC

Diante do que foi previsto para o modelo educacional brasileiro, proposto em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), sentiu-se a necessidade de ampliar as orientações metodológicas direcionadas aos professores da Educação Básica. Uma das grandes críticas aos PCN's diz respeito à efetivação de sua compreensão, tendo em vista que suas propostas, de certo modo, não abarcavam a realidade geral do país, e à disposição de sua linguagem não se fez compatível ao que os professores vivenciam

em suas concepções de ensino, constituindo mais uma problemática. Compreendendo tal incompatibilidade entre as orientações propostas pelos PCN's e o que os professores realizavam em sala de aula, percebeu-se sua insuficiência frente às necessidades das práticas escolares.

Desse modo, a implementação de um documento que amparasse o ensino nacional isomorficamente se fez real com o surgimento da BNCC. Prevista desde a Constituição Federal de 1988, como dito anteriormente, esse documento também está para que sejam superadas as insuficiências identificadas nas diretrizes anteriores. Sabe-se que mesmo com as divergências das inúmeras realidades educacionais que o Brasil dispõe, um documento que ampare a universalização do ensino é imprescindível, visto que as expectativas da educação deveriam ser qualitativamente unificadas.

Inserida em um contexto de insatisfação, que está ligado à concretização dos objetivos propostos pelas políticas públicas que buscam contribuir para a melhoria da educação básica, a BNCC propõe, de maneira mais didática e específica, objetivos para ações pedagógicas que são ou não mais coerentes como modelo de ensino nacional. Visando uma especificidade em suas diretrizes, a proposta desse documento, além de ser mais detalhada do que os anteriores, é de congregar questões que dizem respeito às particularidades tanto em âmbito nacional, quanto regional, sendo 60% àquele e 40% a este.

Cabe, portanto, ressaltar que na primeira versão a BNCC congrega práticas das mais diferenciadas naturezas para que possam ser feitas mais sugestões acerca do ensino básico. Isso é de extrema importância, visto que a voz da sociedade é necessária também quando questões que visam sua melhoria são postas em discussão. As milhares de opiniões foram feitas *on-line*, antes da finalização do primeiro semestre de 2016 e, objetivando contribuir com as discussões da BNCC, propomos esclarecimentos em relação às *práticas artístico-literárias*. Para isso, fizemos uma breve contextualização de como está disposta a literatura na escola nos anos finais do ensino fundamental.

## 2. ONDE ESTÁ A LITERATURA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?

Entendendo que a BNCC é um fundamental norteador para a ação docente, consideramos necessária a investigação da presença da literatura nessa documentação, bem como a forma pela qual está disposta, pois também é ela que direciona os professores em suas práticas pedagógicas. Enfocamos isso por compactuarmos com a ideia de que a presença da literatura há muito está comprometida no ambiente escolar. Assim, faz-se urgente, nas normas que devem ser seguidas pelos professores, sua (da literatura) confirmação como componente formador dos alunos.

Compreendendo a responsabilidade de políticas públicas em firmar a literatura nas diretrizes para o ensino, destacamos nesta discussão o que a BNCC apresenta em relação a isso. Para tanto, enfatizamos nesta investigação as *práticas artístico-literárias*, a fim de analisarmos até que ponto a literatura está presente e como ela se consolida enquanto prática educativa.

Sabe-se que o lugar da literatura tem sido subvertido por outras práticas que não objetivam a formação do leitor a partir dos textos literários, tais como o ensino de gramática normativa, da história da literatura e da identificação de características formais do texto. Diante disso, sentiu-se mais uma vez a necessidade de reforçar a mudança de um ensino tradicional, o qual não se adequa ao século XXI. Logo, reconhecemos que as propostas contidas na BNCC tentam, de certo modo, preencher essas lacunas que por vezes a prática docente não tem superado.

Discussões sobre o ensino de literatura nas aulas de língua portuguesa, especificamente nos anos finais do ensino fundamental, têm-se feito presentes em algumas teorias significativas que buscam encontrar as causas pelas quais se possa associar o apagamento gradativo que o ensino de literatura vem sofrendo nas aulas em questão. O referido apagamento é notado através da grave substituição que tem se dado do estudo do sentido do texto e do seu caráter humanizador por longas e supérfluas análises estruturais do texto literário, que

se delimitam apenas a identificar aspectos gramaticais pelos quais o texto literário é constituído.

Através das recorrentes discussões e dos constantes relatos que versavam sobre a propagação da ideia do ofuscamento do ensino de literatura na educação básica, observou-se que urgia a necessidade da elaboração de um documento que suprisse através das suas práticas essa ausência do ensino de textos literários em conformidade com um efetivo letramento literário, bem como direcionasse os professores de maneira que esses textos sejam suportes significativos para a formação de alunos leitores. Portanto, é sobre essa intenção de propiciar a retomada do ensino do texto literário que a BNCC propõe em suas práticas um ensino que se consolide a partir da integração entre língua e literatura, de maneira que o texto literário não seja reduzido apenas à identificação de aspectos gramaticais. Ao invés disso, busca-se uma análise de elementos narrativos que se interligam com elementos de carácter lexical, firmando a interação das duas áreas que juntas se complementam e oferecem sentido uma à outra.

Ainda em consonância com nossa busca pelo espaço que a literatura tem ocupado na escola nos dias atuais, é importante destacar o que já dizia Colomer (2007):

[...] desde a década de 1970 defendeu-se a ideia de uma formação literária que não se baseie no eixo histórico, mas na leitura das obras e na aquisição de instrumentos de análise. No entanto, ambos os modelos didáticos buscaram, desde o início, fórmulas de compromissos através, por exemplo, do comentário de textos... organizados historicamente. Desta maneira, a representação da tarefa própria da escola secundária não logrou desprender-se nunca da história literária em favor da capacidade de leitura. Ou seja, que a função patrimonial [...] manteve-se de uma ou outra forma, porque, *apesar de todas as críticas que choveram sobre o ensino histórico da literatura, os docentes e a sociedade em geral continuaram acreditando que tinha sentido dar às novas gerações*

*adolescentes uma sistematização da evolução cultural, através das obras de referência de sua coletividade* (COLOMER, 2007, p. 37, grifo nosso).

Apesar de a citação revelar uma problemática do ensino de literatura no ensino médio, podemos encontrar preocupações semelhantes no ensino fundamental, pois a leitura integral da obra tampouco é realizada nesse nível e, quando isso ocorre, a análise literária também se assenta em padrões estruturais do gênero. Prova disso são as ações pedagógicas assumidas por professores que estão na sala de aula sem a busca da renovação de si e do que propõem aos alunos. A autora mostra uma realidade bastante presente na escola do século XXI, a qual carece de avanços tanto no âmbito metodológico quanto no de objetivos e de conceitos acerca da literatura.

Dessa forma, fica claro que o lugar da literatura nos anos finais do ensino fundamental, quando existe, esgota-se em práticas que subvertem a busca pelos sentidos do texto literário. Isso nos faz pensar que a lapidação do trabalho com o texto literário é mesmo escamoteada em detrimento de ações pedagógicas tecnicistas, talvez pela facilidade de aplicar em sala de aula métodos preestabelecidos e práticas que não exigem tanto esforço de elaboração e planejamento por parte do professor, sendo mais fácil somente reproduzir o que já está pronto, principalmente, no uso exclusivo do livro didático, por exemplo.

A constatação acima se manifesta de forma insistente, o que tende a afastar cada vez mais o gosto dos alunos pela literatura e destinando-a para um risco cada vez mais latente de seu desaparecimento em sala de aula. Amparando nossas inquietações quanto à não confirmação do trabalho com gênero literário na sala de aula de forma eficaz, recorreremos ao que diz Dalvi (2013):

[...] a literatura, do modo como a estamos pensando (próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo, ao pastiche, à leitura irônica e bem humorada,

à paródia, à contextualização individual e histórica [...], inserida num mundo da vida e em conjunto com as práticas culturais e comunitárias, sem medo dos julgamentos) nunca esteve no centro da educação escolar (DALVI, 2013, p. 77).

É, pois, a partir de tais elucidações que amparamos nossas concepções para podermos explorar de forma mais contundente o que está disposto na BNCC para o ensino de literatura na escola, que inegavelmente carece de ações melhoradas e de um novo repensar no público ao qual está sendo atingido por elas. Sendo as *práticas artístico-literárias* nosso foco de análise, faremos algumas considerações acerca do que elas apontam, enfatizando a importância que esse documento tem em relação às mais atuais perspectivas para o ensino literário, mesmo com a existência de alguns equívocos que aparecem agora, na primeira versão, e que esperamos serem superados nas versões posteriores.

Focar mais em como o ensino de literatura se encontra nas escolas dos nossos dias é uma questão que se torna de extrema urgência para os mediadores da leitura, que deveriam estar mais atentos ao processo de apagamento que a literatura tem sofrido. Sendo assim, urge a necessidade de uma reformulação do espaço da literatura em sala de aula, assim como da compreensão que os professores deveriam ter da literatura, enxergando a funcionalidade dela como algo que excede os limites de uma sala de aula, pois suas contribuições não são de maneira alguma restritas aos conteúdos. É desse modo que a literatura alcança o público de forma eficaz e rompe fronteiras no mundo de seus leitores.

### 3. PRÁTICAS ARTÍSTICO-LITERÁRIAS NA BNCC

Críticas têm sido feitas quanto ao que a primeira versão da BNCC apresenta, tais como o que se entende por objetivos e atitudes procedimentais diante dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Outra contraposição está relacionada à ênfase de procedimentos em diferentes anos, o que talvez possa implicar no não avanço de saberes, visto que conteúdos são constantemente repetidos, tomando espaço de outras

propostas que poderiam dar continuidade ao que já foi aprendido pelos alunos para que seus conhecimentos sejam ampliados.

Em relação à confusão do que está previsto na BNCC sobre o que se objetiva para o ensino das *práticas artístico-literárias*, consta uma falta de clareza quando são descritos alguns conceitos e quando se dispõem algumas atitudes procedimentais para serem trabalhadas em sala de aula. Questionamos algumas definições encontradas no documento, tais como a que diz respeito à criação textual do 8º ano, disposta na prática LILP8FOA005. Essa prática apenas visa “Produzir textos narrativos coesos e coerentes, empregando adequadamente marcadores de tempo, tempos verbais e elementos próprios da descrição”, revelando que o aluno precisa dominar apenas questões dos âmbitos coerentes e coesivos. O apontamento anterior se constitui numa problemática pelo fato da redução que é dada ao leque de interpretação e produção que pode ser dado por um texto literário, ignorando questões como o estilo de escrita, as especificidades de cada gênero proposto e as marcas narrativas que compõe as vozes e visões de quem está na composição da obra literária.

Outro exemplo de imprecisões descritas na BNCC é quando se tenta abarcar a literatura de modo a homogeneizar as demais culturas de língua portuguesa, a exemplo das literaturas africanas e indígenas. A problemática disso reside justamente em reduzir tais culturas somente a essas duas, pressupondo a supressão de outras, como a portuguesa. Além do mais, percebe-se também que há desconexões em relação aos conceitos de literatura, segregando-a entre “[...]literatura juvenil, africana e indígenas”, como mostra a prática artístico-literária LILP6FOA004 disposta para o 6º ano.

Dando continuidade às incoerências contidas na Base quanto às *práticas artístico-literárias*, também observamos que há um visível equívoco de conceito em relação ao que é literatura brasileira. Na BNCC há uma separação entre “literatura endereçada a jovens e também da literatura brasileira”, como mostra a prática LILP8FOA007, direcionada ao 8º ano. Essa separação surge como um reflexo da limitada e errônea compreensão que se tem acerca da literatura brasileira

destinada ao público juvenil, visto que são uma única literatura, não necessitando dessa fragmentação.

É importante atentar, também, para as redundâncias que a BNCC por vezes coloca em relação aos objetivos a serem alcançados em diferentes anos. Um dos que destacamos foi o que está contido na prática LILP9FOA005 para o 9º ano: “Produzir textos narrativos coesos e coerentes, utilizando focos narrativos diversos, conforme o efeito que se quer produzir ao contar uma história, escrever uma crônica etc.” Nesse caso, mesmo que haja um acréscimo das expressões “ao contar uma história, escrever uma crônica etc.,” não há novidade para que haja uma progressão do que já estava descrito na prática LILP1FOA011, do 5º ano: “Produzir narrativa literária, usando adequadamente diferentes modos de introduzir a fala de personagens, em função do efeito pretendido”. Nossa crítica está também relacionada aos termos utilizados nas orientações que esses objetivos apresentam, pois contar história, escrever crônica... é o mesmo que fazer a produção de textos narrativos. Desse modo, as redundâncias persistem tanto no âmbito da passagem dos anos quanto do conceito de texto literário que a BNCC expõe.

Ainda apontando algumas problemáticas contidas na BNCC, destacamos a que diz respeito às ações metodológicas, que por vezes ainda persiste no modelo tradicional de abordagem do texto literário, ressaltando a identificação de “elementos que compõem as narrativas literárias, tais como tempo, espaço, construção dos personagens, foco narrativo”, como mostra a prática artístico-literária LILP6FOA004, do 6º ano. Tal prática reduz as inúmeras possibilidades de análise e compreensão que podem ser extraídas dos elementos composicionais que o texto literário abarca em sua construção.

Outra repetição encontrada nas práticas artístico-literárias está disposta na prática LILP8FOA008, do 8º ano do ensino fundamental, que visa “identificar e analisar, em textos literários narrativos e poéticos, aspectos da estrutura composicional e do estilo. Ressaltamos que, por mais que as práticas selecionadas do 6º ano esteja direcionada para o gênero narrativo e a do 8º ano tenha o acréscimo do gênero poético, não há progressão de aprendizagem dos alunos, pois a ativação de seus saberes não passará do campo superficial da iden-

tificação dos componentes apenas estruturais do texto, reduzindo assim suas possibilidades de compreensão e interpretação dos sentidos que a obra literária oferece. Para fundamentar essa ideia, apresentamos o que diz Todorov (2009):

Os ganhos da análise estrutural, ao lado de outros, podem ajudar a compreender melhor o sentido de uma obra. Em si, eles não são mais inquietantes do que os da filologia, a velha disciplina que dominara o ensino Letras durante 150 anos: são instrumentos que ninguém hoje pode contestar, mas nem por isso merecem que nos dediquemos a eles em tempo integral (TODOROV, 2009, p. 32).

O que o autor expõe acima está de acordo com as ponderações que versam acerca do ensino literário na BNCC, as quais, como dito anteriormente, não devem se limitar somente a exercícios de memorização. É preciso ressaltar, entretanto, que a abordagem estrutural do texto literário não é de todo prejudicial. O equívoco que aqui apontamos é quando ocorre somente o uso dela sem pressupor que todo leitor carece também de elementos que visem o sentido do texto para além do que diz a formalização de sua estrutura. Para reforçar essa elucidação, Todorov (2009, p. 36) ainda colabora dizendo que “[...] a abordagem interna (estudo das relações dos elementos da obra entre si) devia completar a abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico, estético)”. Tal afirmação confirma que o estudo do texto necessita de elementos de diversas naturezas para se fazer completo.

Desse modo, podemos dizer que mesmo no século XXI de nada adianta o avanço das perspectivas teóricas que almejam um ensino de literatura renovado – dinâmico, interacionista e não reducionista – se as práticas pedagógicas continuarem a ser reprodutoras de modelos positivistas, despidos de reflexão e carregados de memorização.

Em relação a essas práticas um tanto retrógradas e insuficientes quando se pensa em um letramento literário adequado ao perfil do atual alunado, recorreremos ao que já dizia Zilberman (1988):

[...] a insistência na postura mimética. Os bons textos ensinam a escrever e a falar bem, erigindo-se em modelos a imitar. Consagra-se a tradição, cada vez mais distante se se pensa que os livros dos anos 50 ainda se valem dos mesmos títulos e autores do início dos século [...] (ZILBERMAN, 1988, p. 110).

É importante esclarecer que a crítica feita pela autora diz respeito a uma das problemáticas que ainda persistem mesmo depois de décadas e constantes discussões acerca do assunto. Dessa forma, ousamos dizer que de pouco adianta a evolução de perspectivas teóricas que objetivam a prática reflexiva de ensino-aprendizagem se as ações exigem menos esforço de quem está à frente do trabalho com o texto literário.

Em contrapartida a essas e outras problemáticas identificadas na primeira versão da BNCC, é importante destacar alguns avanços de um ano para outro em relação ao ensino literário. Prova disso são as progressões que pudemos identificar no que diz respeito, por exemplo, à apresentação paulatina dos objetivos de aprendizagem. A partir do 6º ano percebemos que houve evolução significativa de tais objetivos, pois há progressão do que se pretende como desenvolvimento dos saberes adquiridos pelos alunos. Salientamos que, ao contrário dos anos iniciais do ensino fundamental, são utilizados termos que avançam do “ler” para o “relatar”; do “recontar” para o “identificar”; do “ouvir” para o “produzir”; do “recontar para o “criar”; do “diferenciar” para o “compreender” etc.

No que diz respeito a outras progressões, destacamos o âmbito dos gêneros literários, o qual também vai sendo introduzido e trabalhado gradativamente de maneira mais detalhada para os alunos. Percebemos que há o surgimento de alguns gêneros que ainda não haviam sido adotados nos anos anteriores, o que revela que a diferenciação deles requer uma continuidade de conhecimentos e experiências acumuladas ao longo do processo de ensino. Na prática LILP7FOA003, do 7º ano, tem-se: “Relatar oralmente o enredo de obras literárias mais extensas, como novelas e romances, reconstituindo coerentemente a sequência narrativa.” Assim, entendemos que há um considerável aumento

da extensão das narrativas, expandindo os estudos para a *novela* e o *romance* juvenil em detrimento do que antes havia, como as fábulas.

Ainda em relação aos avanços que a BNCC apresenta quanto à disposição dos gêneros literários, destacamos outra prática do 7º ano: LILP7FOA006, a qual visa “Criar e recitar produções poéticas próprias da cultura oral - popular e juvenil - caracterizadas por cadência, ritmos e rimas, como o *cordel* e o *rap*.” Isso nos mostra que a maior importância dada aos gêneros orais se faz de modo mais inclusivo, visto que esses gêneros têm menos espaço nas aulas de língua portuguesa.

Percebemos, ainda, que enquanto no 6º ano é dada ênfase no *gênero poético*, no 7º ano prioriza-se a *narrativa*; no 8º ano o destaque é para o *gênero dramático* e no 9º ano há uma *continuidade da perspectiva dos gêneros narrativos por meio de retomadas*. Assim, vê-se a consolidação dos gêneros que já haviam sido apresentados, para que sua abordagem seja reforçada. É perceptível que esse método permite também que gêneros não literários estejam presentes e possam ser correlacionados aos literários para o estudo da literatura, a exemplo do cinema e do teatro, como mostra a prática LILP9FOA003, inserida no 9º ano, que objetiva “Relatar oralmente o enredo de produções cinematográficas e teatrais, reconstituindo os diversos planos e linguagens que constituem a sequência narrativa”.

Para ressaltarmos os significativos avanços presentes nas *práticas artístico-literárias* endereçadas aos anos finais do ensino fundamental, apontamos uma questão pertinente no que diz respeito à unificação do ensino que busca a integração de língua e literatura. Essa relação pode ser encontrada na prática direcionada para o 7º ano, LILP7FOA005, a qual objetiva “Produzir textos narrativos, dominando processos de referência responsáveis pela organização do texto, para se referir ao que já foi dito e ao elemento novo que se introduz”. É possível localizar no objetivo previsto nessa prática a relação entre língua e literatura, permitindo que haja a integração dos aspectos lexicais para compreender a composição da narrativa com os aspectos de sentidos que a criação literária permite, no momento que se propõe a uma produção textual.

Também no 9º ano é possível identificar a relação língua-literatura, quando, na prática LILP9FOA009, é objetivado “Criar poemas, a partir de outros gêneros, retextualizando contos, notícias, propagandas, orações, provérbios etc.”. Em outras palavras, entendemos que se pretende que a variação de gêneros discursivos e literários faça-se real em um mesmo exercício, a fim de permitir que os alunos apreendam a indissociação dessas áreas, tanto no contexto escolar quanto no uso cotidiano, pois, dependendo da pretensão, seus sentidos advêm do uso concomitante dos dois âmbitos.

Desse modo, observamos que as propostas que a BNCC aponta são de relevância no sentido em que, até certo ponto, elas dispõem de forma mais didática e específica o que os documentos anteriores, como os PCN’s, que até então não tinham apresentado. E, mesmo que algumas questões careçam de revisão e melhora, tais quais apontamos nas problemáticas anteriormente discutidas, a BNCC não pode ser entendida como único meio norteador das práticas dos professores em sala de aula, visto que em toda sua formação pressupõe-se um acúmulo de saberes que vão além da normatividade de um único documento. A BNCC, enquanto versão inicial, implica que ações diversas sejam ativadas durante o processo de ensino-aprendizagem. Logo, é importante que quem está à frente da sala de aula se utilize dos mais variados artifícios para que a aplicação de suas aulas sejam eficientes e contributivas aos alunos em formação.

#### 4. A LEITURA LITERÁRIA NA BNCC

Já apontamos em nossas discussões que a BNCC é um importante documento norteador de práticas pedagógicas que pretendem ser um suporte necessário para o avanço e melhoramento do ensino básico brasileiro. Desse modo, é preciso reforçar que a literatura tem sofrido um considerável apagamento nas aulas de língua portuguesa e que as propostas da Base não se direcionam a isso. Visando quebrar esses paradigmas já consolidados de que a literatura já não tem mais espaço na sala de aula da educação básica, a BNCC propõe uma retomada significativa do ensino de literatura, priorizando em algumas de suas práticas a leitura

de textos literários de modo a não priorizar somente a estrutura textual.

No eixo da leitura, a BNCC sugere alguns objetivos a serem alcançados em suas práticas que estão relacionados à leitura literária, visando contribuir para a propagação da leitura em sala de aula. Tal disposição de leitura pretende que os alunos compreendam os textos lidos; desenvolvam as habilidades da leitura literária de forma competente; ampliem o vocabulário através dos textos literários e possam estabelecer algumas reflexões a partir das temáticas dos textos apresentados, bem como extrair deles significação complementar em sua formação humana literária.

Enfatizando esse espaço dado à leitura literária, em suas *práticas artístico-literárias*, na apresentação da BNCC é colocada a seguinte disposição: “Durante toda a educação básica deve-se favorecer a **formação literária**, de modo a garantir a continuidade do letramento literário, iniciado na Educação Infantil” (BNCC, 2015, p. 37, grifo do autor). No 6º ano, o espaço dado à leitura pode ser observado quando a BNCC propõe a leitura de gêneros literários, tais como lendas e fábulas, visível na prática LILP6FOA003, com a intenção de reconstituir “corretamente as sequências narrativas”.

Além de objetivar que o aluno compreenda, identifique e produza textos narrativos, no 7º ano também é possível identificar o espaço dado para a leitura de textos literários, quando observamos práticas que enfocam atividades como a *produção* de textos narrativos, a criação de textos poéticos próprios da cultura popular juvenil, além de identificar elementos constituintes dos poemas variados em leituras desse gênero, como mostra a prática LILP7FOA009: “Criar [...] haicais, sonetos, quadras, cordel etc., experimentando recursos expressivos que produzam efeitos sonoros, semânticos e visuais.”

No 8º ano, a BNCC permanece dando ênfase à leitura literária de maneira que os alunos relatem oralmente enredos de textos de dramaturgia; analisem textos narrativos da literatura, como os HQS. É objetivado também que eles conheçam no conjunto da produção poética da literatura poemas que apontem a dimensão imagética dos textos. Tais afirmações podem ser comprovadas na prática LILP8FOA007, a qual objetiva que

os alunos possam “Reconhecer, no conjunto da produção poética da literatura, endereçada a jovens [...] poemas que apontem a dimensão imagética, no uso de comparações, metáforas e metonímias, e produzir poemas explorando a construção de imagens pela palavra.”

No 9º ano, visando concluir o espaço dado para a leitura literária durante todo o ensino fundamental, a BNCC reforça em suas práticas a necessidade da produção de textos narrativos, bem como a análise de poemas e, em seguida, a sua criação. Percebemos isso mais detidamente nas práticas LILP9FOA008 e LILP9FOA009. A primeira tem como pretensão “Analisar a presença do recurso à intertextualidade, em textos literários narrativos e poéticos: paródias, paráfrases [...]”. A segunda prática que selecionamos serve para exemplificar como a leitura literária é abordada na BNCC objetiva “Criar poemas, a partir de outros gêneros [...]”.

Após ter feito os apontamentos das práticas que projetam a leitura literária na BNCC, pudemos perceber que, em termos de orientações previstas nesse documento, a literatura não se encontra ausente. Isso incide em uma contraposição às ações pedagógicas que ainda revelam a insistência em minimizá-la (a literatura), consistindo no ensino tradicional, que não objetiva o estudo dos sentidos do texto, por exemplo, o qual pode tanto humanizar quanto formar o sujeito enquanto leitor literário competente. Logo, afirmamos que através das *práticas artístico-literárias*, a BNCC constitui o espaço da leitura literária enquanto protagonista na formação leitora dos alunos, através de orientações que direcionam os professores a efetivarem suas práticas pedagógicas de modo que o ensino de literatura não seja subvertido em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a renovação de políticas públicas que tentam amparar o ensino na educação de forma global e menos segredada, reconhecemos a importância desse tipo de movimento na elaboração da BNCC. Compactuamos que seja válida sua intenção

de melhoria, mas depois das discussões e análises feitas não podemos ser ingênuos em acreditar que muito do que é proposto nela não está revestido de objetivos outros que não sejam a aprendizagem dos discentes de forma reflexiva, a qual deve sempre estar adequada ao que as perspectivas mais condizentes com o ensino (de literatura, especificamente) apontam para o aluno do século XXI.

Relacionando com o que se espera de um documento que será o fundamental norteador de práticas pedagógicas para os professores do ensino básico, reconhecemos a necessidade de revisão de alguns conceitos presentes nos objetivos das *práticas artístico-literárias* direcionadas aos anos finais do ensino fundamental. Para que esse documento se consolide e se torne importante referência de consulta que estabelece padrões metodológicos, nacionais e regionais, é preciso mais do que revisões textuais, alcançando também o âmbito teórico que não deixa a desejar práticas renovadas para o ensino de literatura, às quais urge superação do insistente ensino tão somente classificatório e pautado na normatividade gramatical.

Mesmo que algumas melhoras já tenham sido percebidas quanto ao que está mais adequado para a aprendizagem do atual alunado, é inegável que a BNCC precisa continuar avançando. Entretanto, é preciso deixar claro que ela não surgiu para ser um documento intransigente e despido de maleabilidade. Prova disso foi a possibilidade de a sociedade civil e de profissionais das diversas áreas de ensino poderem opinar e contribuir para a formação dos alunos do ensino básico.

Como tudo o que é “novo”, a BNCC também tem calcada em si ferrenhas oposições, principalmente pelos fatores de viabilização, que por vezes estão confusos nos objetivos que a Base apresenta, como dito anteriormente. Além do mais, mesmo que não seja seguida à risca, a BNCC está preocupada com o ensino como um todo. Logo, a democratização conceituada anteriormente tenta de fato se fazer real e mais próxima de quem precisa.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF; MEC; CONSED; UNDIME, 2015a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 14mar.2016.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2ªed. São Paulo: Ática, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. 3ªed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

## OS AUTORES

Raquel Sousa da Silva é graduanda em Letras Português do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Área de atuação: ensino de literatura. E-mail: raquelsousadasilva02@gmail.com

Jhennefer Alves Macêdo é graduanda em Letras Português do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Área de atuação: ensino de literatura. E-mail: jhenneferufpb@outlook.com

Daniela Maria Segabinazi é professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) e do Programa de Pós-Graduação em Letras Português (PPGL) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Área de atuação: literatura infantil e juvenil e ensino de literatura. E-mail: dani.segabinazi@gmail.com

